



O PROJETO ARARAS NORTE EM MEIO À SECA NO SERTÃO REVELANDO AS FRAGILIDADES DOS PERÍMETROS IRRIGADOS IMPLANTADOS NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

The Araras Norte project during the drying in the sertão unveiling the fragilities of the irrigated perimeters implemented in the northeast semiarid

El proyecto Araras Norte en medio a la sequía en agreste desvelando las debilidades de los perímetro regadod implantado en semiárido noreste

Antonia Vanessa Silva Freire Moraes Ximenes¹

José Levi Furtado Sampaio²

RESUMO

Este artigo objetiva abordar o atual momento vivenciado no Perímetro Irrigado Araras Norte, que, em decorrência de crise hídrica, encontra-se estagnado. Para tanto, se desenvolveu pesquisa no Projeto, acompanhando seus processos desde o ano de 2012, até o corrente ano de 2017, realizando-se nestes estudos de campo, entrevistas com os irrigantes e com isso, buscando entender os processos que culminaram no quadro de paralisação do Projeto que, independentemente da crise hídrica, apresenta inúmeras vulnerabilidades e inconsistências que não se restringem a este Projeto de forma particular, mas que são características da própria Política de Perímetros Irrigados em sua totalidade.

Palavras-chave: Araras Norte; Açude Araras; Crise hídrica.

ABSTRACT

This article aims to address the current moment experienced in the Irrigated Perimeter of the Araras Norte, which, as a result of the water crisis, is stagnant. For this purpose, a research was developed in the Project, following its processes from the year 2012, until the current year of 2017, being carried out in these field studies, interviews with the irrigators and with that, trying to understand the processes that culminated in the framework of shutdown of the project that, regardless of the water crisis, presents innumerable vulnerabilities and inconsistencies that are not restricted to this Project in a particular way, but that are characteristics of the Irrigated Perimeter Policy itself in its entirety.

Keywords: Araras Norte; Araras dam; Water crisis.

RESUMEN

El presente artículo aborda el actual momento experimentado en el Perímetro Regado Araras Norte, que, debido a la crisis del agua, está estancado. Para tanto, fue desarrollado investigaciones en el proyecto, acompañando sus procesos desde el año 2012 hasta el año 2017, realizándose en estos estudios de

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará. Endereço: Rua Luiz Taumaturgo Furtado nº 338, Centro, Reriutaba/CE. Tel.: (88) 996165182. Email: vanessafreire12@hotmail.com

² Professor Doutor nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Endereço: Campus do Pici, Bloco 902, Fortaleza/CE. Telefone: (85) 3366 9792. Email: leviufc@gmail.com

campo, entrevistas con los irrigadores y con ella, tratando de comprender los procesos que llevaron a la mesa la paralización del proyecto que, independientemente de la crisis del agua, presenta muchas vulnerabilidades e inconsistencias que no se limitan a este proyecto de forma particular, pero que son muy característicos de la propia Política de Perímetro Regado en su totalidad.

Palabras clave: Araras Norte; estanque Araras; crisis hídrica.

INTRODUÇÃO

As discussões aqui apresentadas surgem da necessidade de se entender melhor os processos que levaram o Projeto Araras Norte à paralisação das atividades em decorrência da crise hídrica vivenciada desde o ano 2012, quando se iniciou um prolongado período de estiagem no Semiárido nordestino. Tal situação evidenciou um conflito de ordem estrutural do Perímetro Irrigado Araras Norte que é o da incoerência entre demanda e consumo, ou seja, a discrepância entre os níveis de água consumidos nas atividades do Projeto e a oferta de água para tanto. Com o racionamento e posterior corte da emissão das águas do Açude Araras para o Projeto Araras Norte, as fragilidades envolvendo a Política de Perímetros Irrigados, de modo geral, assim como a insustentabilidade do modelo produtivo praticado nestes Projetos se mostraram de forma bastante clara. Sendo, portanto, passíveis de melhor discussão e entendimento.

METODOLOGIA

As ideias expressas neste trabalho resultam de Pesquisa Qualitativa realizada mediante a associação de três pilares fundamentais: pesquisas documental, empírica e teórica. No tocante à empiria, realizaram-se estudos de campo no Projeto Araras Norte, sendo esta etapa iniciada no ano de 2012 até o ano corrente (de 2017), a fim de se observar com clareza os processos decorrentes da dinâmica do agronegócio que vinha se instalando no Projeto de forma exitosa até que os produtores do Projeto fossem surpreendidos pela crise hídrica que acabou por revelar algumas das muitas vulnerabilidades apresentadas por este Projeto e pelo modelo produtivo adotado por ele.

Nos estudos de campo, foram realizadas entrevistas com produtores cujos relatos são reproduzidos em sua forma original neste trabalho, respeitando-se a forma particular de falar apresentada por cada um dos entrevistados. A pesquisa documental foi feita mediante a seleção de fontes históricas, a exemplo de jornais antigos e recentes, datando do período de construção do Açude Araras, que subsidia as atividades do Araras Norte, a exemplo dos jornais “Tribuna do Ceará”; “O Povo” e “Diário do Nordeste”, que noticiaram desde o período inicial do Açude Araras, por meio de reportagens, aspectos importantes que permitem vislumbrar os anseios e expectativas daquele momento, com relação ao referido reservatório, bem como através de notícias sobre sua trajetória, assim como do Perímetro Irrigado Araras Norte, até os dias atuais.

Na busca pelo entendimento das questões vivenciadas na Pesquisa, se recorreu a importantes leituras, selecionadas com intuito de, a partir delas, obter o auxílio necessário ao entendimento da problemática estudada. São exemplos de obras utilizadas como aporte teórico os trabalhos de: José Alves Carneiro Neto (2005), que analisa as condições de sustentabilidade dos Perímetros Irrigados Ayres de Souza, situado em Sobral/CE e Araras Norte, localizado em Varjota e Reriutaba; bem como o de autoria de Ana Maria de Fátima A. Braga (2009), o qual traz aprofundado estudo sobre as tradições camponesas e a modernização, evidenciando as experiências e memórias dos colonos do Perímetro Irrigado de Morada Nova, no Ceará.

O Açude Araras como principal fator de viabilização do Perímetro Irrigado Araras Norte

O Projeto Araras Norte tem suas atividades viabilizadas pelas águas oriundas do Açude Paulo Sarasate, conhecido popularmente como Açude Araras, situado em Varjota/CE. Este Açude, que teve o início de suas obras em 1951 e a conclusão destas no ano de 1958 (DNOCS. 2017), foi planejado para ser o maior açude do Brasil, como demonstram as publicações da época (a exemplo da destacada na Figura 1), as quais enfatizavam a “grandiosidade” da obra.

Figura 1: Propagação do Açude Araras como o maior do Brasil.



Fonte: Jornal “Tribuna do Ceará” de 03 de junho de 1958.

No título de matéria do Jornal “Tribuna do Ceará”, datada em 03 de junho do ano de 1958, é possível ler que: “Equivale à distância entre Rio e São Paulo o comprimento do paredão de ‘Araras’. Alguns dados impressionantes sobre o maior açude do Brasil – Breve a inauguração”. Demonstrando assim, certa euforia e

admiração em anunciar o Açude Araras. Estes aspectos se apresentam ainda no decorrer da referida matéria, cujo texto afirmava que:

Esse açude com capacidade para acumular 1 bilhão de metros cúbicos de água, poderá irrigar uma área de 40 mil hectares e fornecer energia elétrica a diversas localidades circunvizinhas. Para se ter uma ideia do vulto desta obra que vinha sendo atacada independentemente da incidência da atual seca, basta dizer que sua barragem na qual foram empregados 3 milhões e 550 mil metros cúbicos de terra corresponde a um imenso paredão, de 1 metro de largura por 39 metros de altura, com o comprimento de equivalente distância entre Rio e São Paulo. (Jornal “Tribuna do Ceará”, de 03 de junho de 1958).

É importante destacar que no ano de 1958, quando da inauguração do açude Araras, já se considerava a possibilidade de utilização de suas águas para o desenvolvimento de agricultura irrigada, o que pode ser constatado no trecho do texto da matéria destacada, a qual chama a atenção para o “potencial hídrico para irrigação de área de 40 mil hectares”.

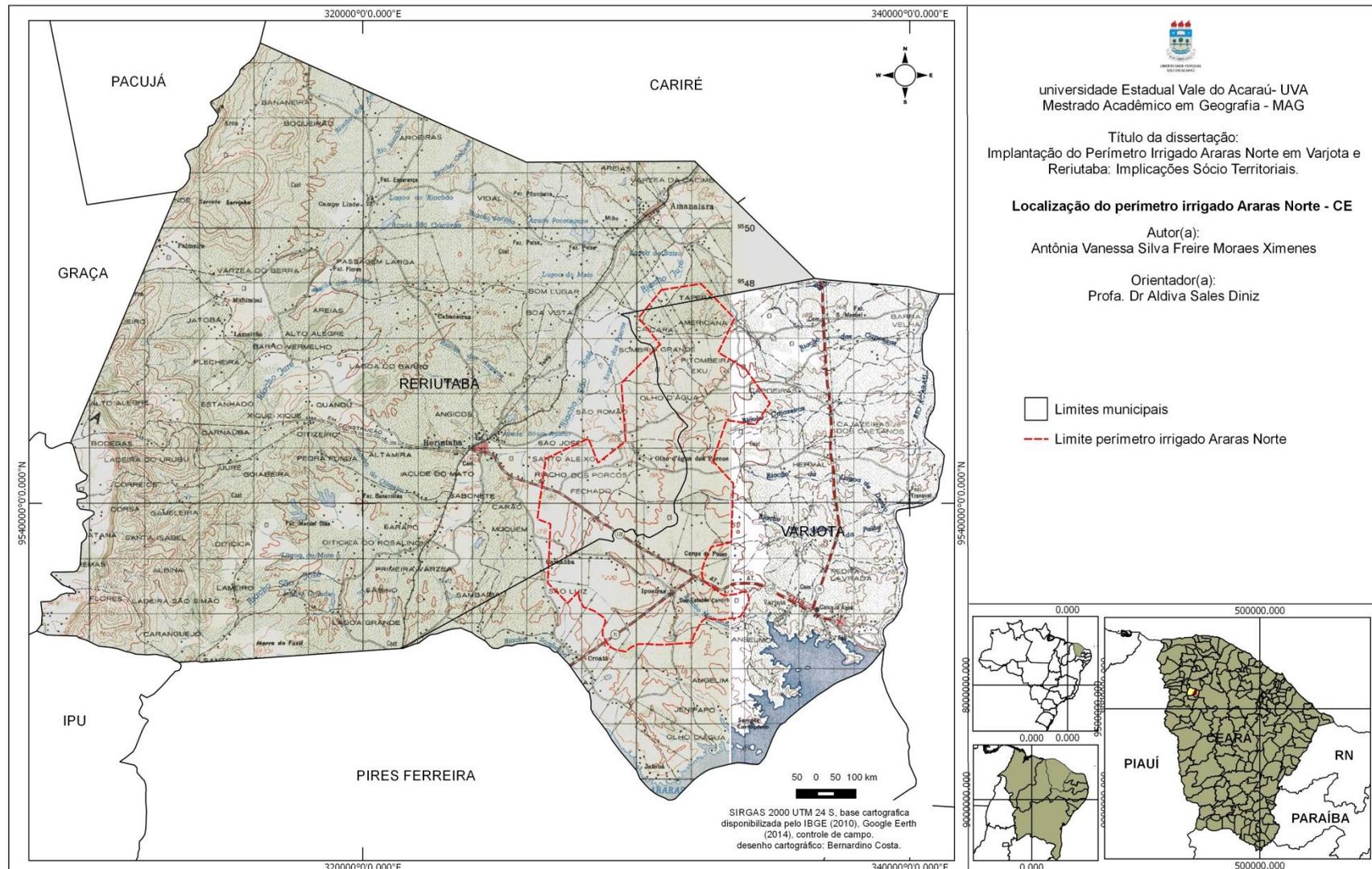
Sobre a utilização de águas de açudes públicos para promoção de agricultura irrigada, Braga (2009, p. 29) relembra que isto “remonta à primeira barragem pública construída no Nordeste: o açude Cedro, situado no município de Quixadá-Ceará, cujo projeto elaborado em 1882, já apontava a possibilidade de irrigar as terras a sua jusante”. De fato, a autora revela que, “em meados da década de 1930, as águas do Cedro, irrigaram 500 hectares de terras arrendadas a pequenos produtores rurais” (*Op cit.*).

No tocante ao Açude Araras, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, responsável pela construção deste, assim como pela implantação do Perímetro Irrigado Araras Norte, apresenta o Açude Araras como sendo um reservatório cujas finalidades são: “a perenização e controle das cheias do rio Acaraú, a irrigação de 14.000 ha nas várzeas do referido rio, a geração de energia elétrica de aproximadamente 6.000 kVA (operados pela CHESF), a piscicultura e o aproveitamento de culturas na área de montante” (DNOCS. 2017).

Apesar de ter sido anunciado como o maior do Brasil (em manchete do Jornal “Tribuna do Ceará” de 03/06/1958), o Açude Araras logo foi superado por outros reservatórios construídos posteriormente ou concomitante a ele, a exemplo do Açude Orós, que, três anos mais tarde (1961) teve a conclusão de suas obras e, por sua vez, veio a superá-lo.

Atualmente, o Araras é considerado o 4º maior açude cearense. Viabiliza as atividades desenvolvidas no Perímetro Irrigado Araras Norte, situado nos municípios de Varjota e Reriutaba (Figura 2) que, apesar de ter sido planejado nos anos de 1970, teve a implantação realizada na década de 1980, iniciando o funcionamento da infraestrutura de uso comum apenas na década de 1990.

Figura 2: Mapa de localização da área do Perímetro Irrigado Araras Norte.



Fonte: XIMENES (2015). Adaptado de DIPAN (2013). Desenho cartográfico elaborado por Laerton Bernardino Costa.

Além disso, o Açude Araras é responsável pelo abastecimento de água das populações residente nas zonas urbanas dos municípios de: Varjota (14.413 hab.); Reriutaba (10.590 hab.); Hidrolândia (11.054 hab.); Pires Ferreira (3.354 hab.) e Ipú (25.582 hab.). Com a seca vivenciada na Região (desde o ano de 2012), por meio de medida emergencial, no ano de 2015 se fez a canalização das águas do Açude Araras para abastecer também as zonas urbanas dos municípios de Crateús (52.688 habitantes) e Nova Russas (23.256 habitantes). Portanto, aproximadamente 140.937 habitantes são beneficiados pelas águas do Araras (UOL NOTÍCIAS. 2017).

Com relação à utilização das águas do Açude Araras para promoção de agricultura irrigada, dado o excessivo otimismo em propagar a imensidão e grandiosidade deste reservatório, talvez não se tenha cogitado a possibilidade de haver demanda superior à capacidade de oferta hídrica dele, tampouco, se considerou a probabilidade deste ser gravemente afetado pelas estiagens consecutivas, como estas que perduram por período superior a cinco anos (2012-2017).

O fato é que o Açude suportou a demanda excessiva do Projeto Araras Norte por mais de duas décadas. Nesse período, foram plantadas e colhidas culturas diversas. De início, quando ocorreram as primeiras ocupações ainda na década de 1980, sem se beneficiar da infraestrutura estatal, irrigantes desenvolveram (de forma tradicional) a agricultura de sequeiro, plantando algodão, milho e feijão.

Consumo excessivo de água no Araras Norte, crise hídrica, e a conseqüente paralisação do Projeto

Com o advento da irrigação, que funcionou no Projeto somente na década de 1990, os irrigantes passaram a produzir frutas diversas, com base no modelo de agricultura empresarial, com vistas ao mercado consumidor. Com isso, em menor escala, plantou-se: uva, morango, graviola e caju. Sendo algumas destas culturas mal sucedidas, como é o caso da uva. Em maior escala se teve o plantou de: banana e mamão, seguidos do coco, manga e goiaba (Figura 3), sendo que estas culturas vinham sendo praticadas até a paralisação das atividades no Projeto.

Figura 3: Produções de mamão; coco; manga e goiaba do Araras Norte, no ano de 2015.



Fonte: XIMENES (2015).

É importante salientar que a produção de frutas no Araras Norte demanda por alto consumo de água, sendo que, esta necessidade está acima da capacidade da oferta. Deste modo, a seca vivenciada nos últimos anos apenas contribuiu para revelar um problema preexistente e característico do modo produtivo adotado em Projetos voltados à agricultura empresarial, que é o conflito gerado pela incompatibilidade entre oferta e demanda hídrica para a irrigação.

Para se ter maior clareza a respeito deste consumo exacerbado de água na produção de frutas do Araras Norte, destacamos o cultivo do coco que consome diariamente vazão hídrica expressiva, pois cada planta necessita de 250 litros de água por dia. Logo, o consumo de água e uma única planta (no caso, o coqueiro) supera o consumo médio diário de água por habitante na Região Nordeste que, de acordo com dados apresentados pelo “Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos” do ano de 2014, seria equivalente a 118,9 litros ao dia. (MINISTÉRIO DAS CIDADES. SECRETARIA NACIONAL DE SANEAMENTO AMBIENTAL. 2016).

O uso indiscriminado de água no Araras Norte e a inexistência de medidas de preservação ambiental por parte dos produtores do Araras Norte foram observadas e discutidas em estudo datado do ano de 2005, sobre a sustentabilidade deste Projeto assim como do Perímetro Irrigado Ayres de Souza, situado no município de Sobral. Em seu texto, o pesquisador José Alves Carneiro Neto (2005), chama a atenção para o fato de que, em ambos os Projetos “não é comum o uso de práticas de conservação do solo como: consórcios, cobertura morta ou rotatividade de cultura; ou adoção de medidas de controle quanto ao uso de

água”. Confirmando assim, a inexistência de práticas de preservação e sustentabilidade não somente no uso da água, mas também do solo.

Salientamos que, embora não se preocupassem tanto, os irrigantes do Araras Norte demonstravam, em meio às suas falas, ter noção de que o consumo era incondizente com a oferta e que um dia, para eles muito distante, isto viria a ser um problema não pelo fato de que iria faltar água, mas pela possibilidade de terem suas atividades produtivas e comerciais prejudicadas por tal situação.

Dentre os depoimentos ouvidos em pesquisas de campo, sobre o alto consumo de água no Araras Norte, são destacadas as falas dos irrigantes de codinomes Cristiano (2014)³ e Lúcio (2014)⁴, cujos relatos oferecem informações importantes acerca de suas demandas hídricas no Projeto, permitindo assim, vislumbrar o quantitativo de água empregada nas atividades deste Perímetro Irrigado, tomando como exemplo aqui, o cultivo de coco. Os produtores explicam que:

O coco necessita de muita água e de pulverização. Uma planta requer 250 litro de água por dia. O consumo de água meu é de 2.750.000 litro por dia. É muita água, viu?! [...] São 200 plantas de coco por hectare, em média, ou 156, dependendo do espaçamento entre um e outro. Em cada Caixa de 3,5 hectares cabe em média 540 plantas. (CRISTIANO. 2014).

A água aqui é di-ma-is! É demais mermo! É muita água que ‘pricisa pa água’ essas planta tudo! E uma que gasta muito, mais muito mermo é o coco. E ele (o coqueiro) a gente tem aguar todo dia! Todo santo dia! Senão, morre! Num presta mais! E ele é um dos que gasta muita água! Nem compensa, porque (o coco) é barato e o gasto com a água aqui é grande! (LÚCIO. 2014).

A partir dos relatos, pode se dizer que a estes produtores faltava maior consciência dos danos ambientais irreparáveis ocasionados pelo consumo exacerbado de água, recurso que, associada à terra, constitui-se no principal sustentáculo das atividades destes produtores. Ainda com base nas falas, é possível entender que se admiravam da alta quantidade de água empregada em suas culturas, porém, o que de fato os incomodava era o valor das taxas pagas em prol da manutenção do sistema irrigatório.

A alta demanda hídrica do Projeto Araras Norte ajuda a esclarecer os prejuízos sofridos pelo Açude Araras ao longo destes cinco anos de estiagem prolongada, nos quais o Açude manteve o aporte hídrico das atividades do Araras Norte, até fevereiro de 2016, e mantém o abastecimento de água das cidades que dele dependem. Este reservatório que há seis anos (2011) teve registrada a sua última sangria, se mostrava majestoso, enchendo os olhos dos sertanejos pela sua imensidão de águas, hoje passa por um período crítico e jamais vivenciado.

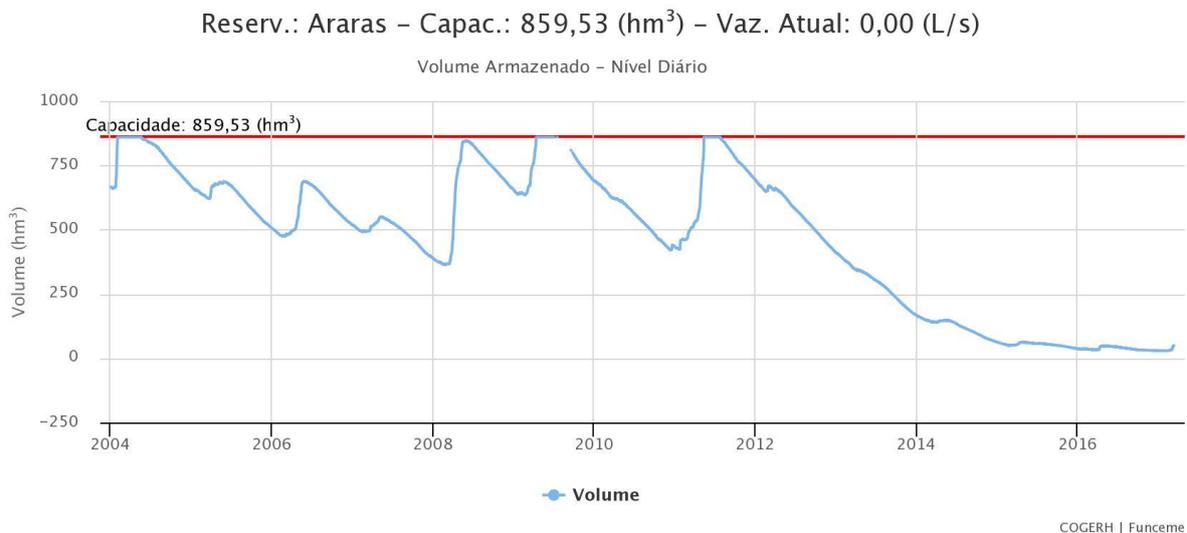
Trata-se do preocupante declínio do nível hídrico do Reservatório que, desde o ano de 2012 vem sofrendo contínuo decréscimo em sua vazão, captando através das precipitações de escassas chuvas de

³ Irrigante, natural de Reriutaba, onde reside. Possui terras no Setor II do Araras Norte, onde cultivava coco. (CRISTIANO. Nota de Entrevista. Setor II do Perímetro Irrigado Araras Norte. 04 de dezembro de 2014).

⁴ Irrigante no Setor IV do Araras Norte. Residente em Amanaiara/Reriutaba-CE. (LÚCIO. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 03 de dezembro de 2014).

verão, índices inexpressivos, insuficientes para mudar a trajetória preocupante para a qual se caminhou, de forma que ocorre a ameaça de corte do abastecimento para a população humana. Este açude atingiu o ápice de sua vazão pela última vez no ano de 2011, no período correspondente aos dias 12 de maio a 23 de junho, quando se observou a sangria do Açude Araras (FUNCEME/COGERH. 2017), conforme se vê no gráfico da Figura 4.

Figura 4: Gráfico mostrando a oscilação do nível do Açude Araras entre os anos de 2004 a 2016.



Fonte: COGERH/FUNCEME (2017).

Desde junho de 2011, o Açude Araras vem sofrendo constante declínio de sua vazão, chegando a apresentar, em fevereiro de 2017, pouco mais de 3% de sua capacidade hídrica que, de acordo com o DNOCS, é de 1.000.000.000m³ (DNOCS. 2017). Após a captação de águas provenientes das chuvas, nas áreas do Açude e adjacências, este Reservatório teve seu índice elevado para valores superiores a 5% (5,71%). Apesar disso, se mantém a gravidade do quadro apresentado não somente por este, mas como por muitos outros reservatórios situados no Semiárido nordestino, que é o risco de escassez total destas águas.

No “Calendário das Chuvas no Estado do Ceará”, disponibilizado pela Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos – FUNCEME (cujos dados encontram-se organizados no Quadro 1) é possível observar a relação entre o nível de água que entra e o que sai do Açude Araras, em decorrência das chuvas escassas e insuficientes para conter sua demanda hídrica. Para se entender os processos que culminaram na situação atual observada neste Reservatório, basta observar os dados do Quadro 01, nos quais estão organizados os índices de chuvas sobre o Açude Araras, no período que corresponde aos anos de 2007 até o ano de 2016, sabendo-se que o nível de chuvas considerado pela FUNCEME como sendo normal, para a área correspondente a este Açude, é de 834.1 mm.

Quadro 1: Índice de chuvas sobre o Açude Araras (2007 – 2016).

Ano	Chuvas	Desvio
2007	678.4 mm	-18.7
2008	944.2 mm	13.2
2009	1440.8 mm	72.7
2010	578.3 mm	-30.7
2011	1062.3 mm	27.4
2012	351.3 mm	-57.9
2013	520.9 mm	-37.6
2014	475.3 mm	-43.0
2015	553.3 mm	-33.7
2016	730.0 mm	-12.5

Fonte: FUNCEME (2017). Organizado por XIMENES (2017).

Os dados organizados no Quadro 1 revelam que nos anos de 2008, 2009 e 2011, as chuvas na área correspondente ao Açude Araras superaram a média ou o padrão “normal” de 834.1 mm. Com base nisso, podemos inferir que este Açude captou água (confirmado pelo fato de o valor do “desvio” ser positivo), tanto que atingiu o que é popularmente conhecido como ponto de sangria, caracterizado pelo transbordamento de suas águas. O que de fato ocorreu, pela última vez em 2011, e desde então, este Reservatório sofre perdas consecutivas, dadas as formas impensadas pelas quais se fez sua apropriação e consumo.

Os resultados provocados pelo alto consumo das águas de um açude, cuja vazão sofre declínios consideráveis mês a mês, somente foram percebidos pelos irrigantes; trabalhadores rurais e demais envolvidos com o Araras Norte no ano de 2014, quando se fez a redução no tempo de emissão de águas do Açude para o Projeto, sendo que esta decisão sofreria alterações no início do ano de 2015, tomando por base os níveis de precipitações e o índice de águas do Açude Araras, conforme apontou Marcos (2014)⁵ cujo relato esclarecia que:

Lá (no Araras Norte) tá reduzido 40% do nível de água, é só otimizar a irrigação que dá! Diminuir o desperdício [...] A partir do dia 31 de janeiro (de 2015) em diante é que vai se saber sobre a oferta de água pro próximo ano e aí dependendo de como seja, pode ser definida uma nova meta de racionamento. (MARCOS. 2014).

Dessa forma, em 2014 já se tinha redução das águas destinadas à irrigação no Araras Norte, e os irrigantes temiam que este racionamento fosse intensificado. A crise vivenciada neste Projeto era percebida

⁵ Funcionário do DNOCS. Atuou na área dos municípios selecionados para implantação do Araras Norte desde o início da suas obras. Em 2014, residia na área urbana de Varjota. (MARCOS. Nota de Entrevista. DNOCS/Varjota-CE. 16 de outubro de 2013).

também em outros Perímetros Irrigados cearenses, conforme destacou o Jornal “O Povo” em matéria de 13 de agosto de 2014, na qual se fala do risco de colapso desses Projetos de Irrigação:

Perímetros como Araras Norte, Ayres de Souza, Baixo Acaraú e Tabuleiro de Russas já vivem racionamento de água como forma de evitar prejuízos do que já foi plantado. No Ceará, a produção da maioria dos perímetros é de frutas. Sem chuvas para os próximos meses - e previsões nada otimistas para a próxima quadra chuvosa - órgãos indicam perfuração de poços, construção de barragens, otimização e modernização do uso dos recursos, redirecionamento da água e economia para que os perímetros não entrem em colapso.

Por meio de entrevistas realizadas em dezembro de 2014, os irrigantes no Araras Norte comentaram a situação destacada na matéria do Jornal “O Povo” (13/08/2014) e vivenciada por eles neste Projeto. O produtor de codinome Cristiano (2014)⁶, por exemplo, afirmava, que: “Até janeiro (de 2015), a distribuição da água vai ser de 5:00 h da manhã até às 12:00h! Antes era de 3:00 h ao meio dia!” (CRISTIANO. 2014). Neste contexto, o irrigante Lucas (2014)⁷ calcula o percentual de redução das águas emitidas ao Projeto, afirmando que: “Diminuiu mais de 30% da água e isso com certeza reflete na produção” (LUCAS. 2014). Já o trabalhador rural assalariado de codinome Rodolfo (2014)⁸, demonstrava a percepção sobre o que estava ocorrendo, explicando que:

Antigamente eles ligavam a água três hora da manhã e ia até mêi dia. Agora eles liga 5:30 da manhã até mêi dia. É por causa do racionamento da água, por que tá muito seco! Aí até que chova pra encher de novo o Açude, vai ser assim... Antigamente, cada quadra pegava duas hora de água, agora pega uma hora e meia! (RODOLFO. 2014).

Na transição entre os anos de 2014 e 2015 era perceptível, nestes atores, sentimentos de dúvida e inquietação com relação ao futuro do/no Araras Norte. É o que se pôde constatar a partir do depoimento do irrigante Moisés (2014)⁹ que, em dezembro de 2014, afirmava: “Nóis temos um problema aqui que é a falta d’água! Por isso, não podemo fazer planejamento!”. Do mesmo modo, expressando suas angústias, o trabalhador rural que atuava como gerente de lote (uma espécie de administrador do lote, pessoa de confiança do irrigante) Adão (2014)¹⁰ dizia, em dezembro de 2014: “Agora a maior preocupação é água, fomos atrás pra cavar poço profundo, mas aqui a água é bem pôquina, cavamos seis poço, dos seis só em quato deu água, os outros dois tava seco. A água é pôquina, só dá pro consumo!”

⁶ CRISTIANO. Nota de Entrevista. Setor II do Perímetro Irrigado Araras Norte. 04 de dezembro de 2014.

⁷ Irrigante desde inícios da década de 1990, natural de Santa Quitéria, residente em Varjota. (LUCAS. Nota de Entrevista. Setor II do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014).

⁸ Em 2014, “Rodolfo” tinha 27 anos, residia em Soledade (Reriutaba/Ce) e era trabalhador rural assalariado no Araras Norte, porém, antes disso, atuou como garçom no Restaurante Sirigaddo, localizado em Fortaleza/CE. (RODOLFO. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014).

⁹ Irrigante há 14 anos, desde que foi selecionado pelo DNOCS. Residente na Comunidade de Sombrio, na zona rural do município de Reriutaba. (MOISÉS. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014).

¹⁰ Em 2014 era gerente de lote no Setor IV do Araras Norte, onde residia há mais seis anos com sua família. . Trabalhava na produção de mamão. (ADÃO. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014).

Revelando as fragilidades do Projeto Araras Norte, está a fala do produtor Lucas (2014)¹¹, que dizia, no ano de 2014: “Aqui, uma semana que parar de agoar aqui, isso aqui cai tudo!”. Evidenciando assim, a dependência por chuvas, sentida e expressa pelos produtores, a exemplo do de codinome Lúcio (2014)¹² que afirmava: “No que chover, tudo pra nós dá certo!”. Neste contexto de dúvidas e incertezas, os irrigantes manifestavam seus anseios com relação ao futuro, conforme se percebe no depoimento concedido pelo produtor de codinome Cristiano (2014)¹³ que, em 2014, afirmava:

Tamo esperando chegar janeiro (de 2015) pra melhorar! A esperança é que em janeiro mude, por que como não teve inverno, a produção é essa aí, por que o coco dura um ano e quatro meses pra colher, desde o dia que sai da terra, até a colheita. A vantagem é que todo mês ele bota um né?! Só que se num choveu nesses meses passados, por causa do fato de num ter tido inverno, e se não chover daqui pra janeiro, então a partir de fevereiro não tem mais coco, dessas áreas onde não são irrigadas. Aqui ninguém sabe, pode ser que segure mais um pouquinho, ou não, pode ser que a gente só agoe pra manter a planta, que vai naturalmente abortar os frutos, e tentar se manter viva... (CRISTIANO. 2014).

Frustrando as expectativas não somente dos envolvidos com o Araras Norte e dependentes das águas do Açude Araras, mas dos nordestinos como um todo, a estação chuvosa do ano de 2015 não foi favorável, se configurando como o 4º ano de estiagem consecutivo. Foi neste mesmo ano que a população dos municípios de Varjota e Reriutaba, de modo geral, finalmente atentou para os problemas gerados pelo alto consumo de água, incondizente com a oferta hídrica disponível no Açude Araras.

Tal percepção, em parte, se deveu à admiração das pessoas com o fato de se ter optado por um maior racionamento das águas destinadas ao Projeto Araras Norte. A decisão foi tomada após sucessivas reuniões com representantes do DNOCS; FUNCEME; COGERH (Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará) e demais Órgãos, além de Comissões formadas por irrigantes e administradores do Araras Norte; bem como por membros da sociedade interessados em acompanhar as discussões acerca do futuro deste e de outros Perímetros Irrigados.

Com a intensificação do racionamento das águas, os irrigantes continuaram a produzir, porém em um ritmo moderado e reclamando da baixa nos níveis de produtividade que teriam no ano de 2015. Por mais contraditória que pudesse lhes parecer, a possibilidade de corte na emissão das águas ao Projeto deixava os irrigantes e trabalhadores rurais bastante apreensivos e inseguros com relação ao futuro. Em 2015 se via produtores do Perímetro Irrigado Araras Norte “rezando em voz alta” e clamando por um bom inverno em 2016, assim como o faz, todos os anos, os agricultores que não dispõem de sistema de irrigação.

A escassez de águas no Açude Araras equiparou os produtores praticantes da agricultura empresarial àqueles da agricultura familiar, fazendo “cair por terra” o discurso estatal da década de 1970, que

¹¹ LUCAS. Nota de Entrevista. Setor II do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014.

¹² LÚCIO. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 03 de dezembro de 2014.

¹³ CRISTIANO. Nota de Entrevista. Setor II do Perímetro Irrigado Araras Norte. 04 de dezembro de 2014.

apresentava os Perímetros Irrigados como uma alternativa/solução aos problemas oriundos da seca no Semiárido, uma vez que esta não afetaria as etapas do cultivo e produção nestes Projetos.

Em fevereiro de 2016, foi realizado o corte da emissão de águas para este Perímetro Irrigado que, a partir de então, teve suas atividades suspensas, uma vez que, sem água para irrigação, não há como manter a produção e conseqüentemente, os trabalhadores rurais assalariados envolvidos nela. Desencadeando assim, um processo de esvaziamento do Araras Norte, no qual se assiste a um novo e inédito momento de desarranjo estabelecido dentro do Projeto, mas que, por sua vez, terá repercussões fora dele.

Os desdobramentos se refletem nos aspectos sociais e econômicos, mas também naqueles de cunho ambiental, pois o desconhecimento aliado ao desejo de explorar as potencialidades da terra em prol da obtenção de renda, direcionaram ações equivocadas por parte dos irrigantes que, ao tomarem decisões precipitadas e praticarem o manejo inadequado do solo, acabaram por agravar velhos problemas e criar novos.

E foi em decorrência deste despreparo que, objetivando “limpar” o terreno dos lotes do Araras Norte, se optou por atear fogo nas plantações que, por sua vez, já se encontravam ressecadas pela falta de água, fosse ele proveniente das chuvas ou da irrigação pelas águas do Açude Araras. Na imagem da Figura 5, é possível observar tal situação a partir de imagens de coqueirais do referido Projeto, fotografados em três momentos distintos, nos anos de 2015, 2016 e 2017, respectivamente:

Figura 5: Coqueirais no Perímetro Irrigado Araras Norte, em três momentos distintos.



Fonte: XIMENES (2017).

Diante disso, o que se tem hoje no Araras Norte, é a transformação completa de uma paisagem que de verdejantes árvores frutíferas, passou a exibir plantas (ou o caule destas) parcial ou totalmente queimadas. O verde, que ao longe se avistava compondo aquela paisagem que mais parecia um oásis em meio à vegetação nativa, passou a retratar a materialização da decadência de um modelo produtivo insustentável, dada a inviabilidade do suprimento de sua demanda hídrica, independentemente da situação climática momentânea.

O Araras Norte em meio à estagnação e ao abandono

Atualmente, por não dispor de água para continuar em atividade, o Araras Norte teve os seus lotes “abandonados” pelos irrigantes, que buscam sustento em outras atividades fora do Projeto e não necessariamente em atividades que estejam voltadas à agricultura. Os problemas gerados pela paralisação do Projeto não se restringem aos aspectos econômicos, bastante vislumbrados pelos irrigantes, afinal, muitos dependem exclusivamente da atividade desenvolvida no Projeto.

Estes problemas ultrapassam os limites do Araras Norte e se mostram em escalas local e regional, uma vez que, com a interrupção de suas atividades, o Araras Norte deixou de ser também, o local de trabalho dos trabalhadores rurais assalariados, que sustentavam suas famílias com a remuneração extraída da venda de sua força de trabalho aos irrigantes no Projeto.

O problema acabou por expulsar do Projeto os trabalhadores que, por não conseguirem trabalho nas proximidades de suas residências, foram forçados a migrar em busca de seu sustento e do de suas famílias. Com isso, vivenciaram percalços previamente vislumbrados e igualmente temidos por estes agricultores, que é a saída do campo para os grandes centros urbanos. Este temor é possível ser compreendido a partir do depoimento do trabalhador rural de codinome Rodolfo (2014)¹⁴, que afirma: “Se aqui (Araras Norte) chegar a faltá, o jeito que tem é procurá a Capital de novo! É ir pra Fortaleza! E eu num queria não, porque de lá eu já vim, mas, se num tivé... O jeito que tem é esse. Eu tenho família!... Querê eu num quero não, gosto muito daqui!”

Assim, uma situação que já no ano de 2014 (quando foi realizada a entrevista com Rodolfo), muitos temiam vivenciar, foi observada em 2016, quando trabalhadores rurais assalariados, na sua maioria jovens entre 20 e 35 anos, migraram, principalmente para Fortaleza/CE e Rio de Janeiro/RJ, onde se inserem em atividades do Setor Terciário e, por não dispor de qualificação profissional específica para atividades deste Setor, passam a atuar profissionalmente em restaurantes, como garçons ou ajudantes na cozinha; ou ainda, na construção civil, a depender da demanda.

Esta mudança para outra cidade implica em mudanças no modo de ser, viver e se relacionar com as pessoas e a natureza por parte do trabalhador que, habituado ao campo e ao trabalho na terra, se depara com uma realidade urbana contrária aquela que preenchia seus olhos e a sua vida no cotidiano do campo, vivenciado no Projeto Araras Norte. “Embebidos” por um sentimento saudosista de amor às suas raízes, estes trabalhadores migram na esperança de em breve retornar ao trabalho na terra. Para tanto, torcem para que haja chuvas e para que estas venham a solucionar a crise hídrica pela qual vêm passando.

¹⁴ RODOLFO. Nota de Entrevista. Setor IV do Perímetro Irrigado Araras Norte. 02 de dezembro de 2014.

A ânsia por chuvas, assim como pelo retorno à prática da agricultura irrigada não se restringe aos trabalhadores, mas se estende também aos irrigantes que, muito embora não tenham necessitado migrar em busca de sobrevivência em outras cidades (por disporem de reservas financeiras), sofreram mudanças significativas no curso de suas vidas. Tal desejo, se torna evidente a partir do depoimento do produtor Moisés (2017)¹⁵, que afirma: “Nós tamo precisando é de chuva! De muita chuva, pra encher o Açude (Araras)! Em tudo que chuvê... pra nós, tá bom! Agora, se num chuvê... Ah! Aí tá tudo perdido!”.

Neste contexto, pode-se concluir que, embora as relações de produção e trabalho no Araras Norte contribuíssem para o agravamento e/ou reprodução de relações sociais desigualitárias, a exemplo da manutenção de estruturas hierárquicas no espaço agrário; falta de acesso à terra, por parte dos trabalhadores rurais; concentração fundiária, por parte de irrigantes que, estrategicamente, adquiriam (em nomes de terceiros) extensões de terras superiores aos limites preestabelecidos pelo DNOCS; subordinação ao trabalho precarizado, dentre tantos outros problemas, não há como negar que, esta paralisação das atividades do Projeto acarretou novas perdas e desarranjos nas vidas destes trabalhadores rurais assalariados que, assim como os irrigantes, torcem para que as precipitações da estação chuvosa do corrente ano (2017) sejam generosas e venham a elevar de forma considerável o nível do Açude Araras, para que possam retornar às atividades no Projeto Araras Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, entende-se que, além dos problemas de ordem socioeconômicos gerados pela paralisação das atividades no Projeto têm-se os danos ambientais provocados, principalmente pelo desconhecimento dos irrigantes com relação ao manejo adequado do solo, evidencia-se ainda, a inviabilidade de um modelo produtivo adotado nos Perímetros Irrigados a exemplo do Araras Norte, modelo esse pautado no consumo excessivo de água, contrariando assim as características geoclimáticas da particulares da Região Semiárida.

Dessa forma, faz-se necessária a elaboração de Projetos que venham atender às demandas do setor produtivo, entretanto, conciliando-as ao consumo consciente e sustentável dos bens da natureza.

Situações como essa vivenciada no Araras Norte confirmam a inconsistência de políticas públicas verticalizadas, elaboradas mediante a inexistência de qualquer mecanismo de consulta popular e desprovidas de conhecimentos aprofundados acerca das áreas selecionadas. Conhecimentos estes dos quais são ricas as populações nativas das áreas afetadas por tais ações intervencionistas.

¹⁵ MOISÉS. Nota de Entrevista. Reriutaba/CE. 03 de março de 2017.

REFERÊNCIAS

- Açude Araras:** Barragem Paulo Sarasate - Descrição Geral. DNOCS. Disponível em: <<http://www.dnocs.gov.br/barragens/araras/araras.htm>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2017, às 12h14min.
- BRAGA, Ana Maria de Fátima Afonso, **Tradição Camponesa e Modernização:** Experiências e memórias dos colonos do perímetro irrigado de Morada Nova/CE. Fortaleza/CE: DNOCS/BNB-ETENE, 2009. 180 p. Série com Viver, 7.
- Calendário das Chuvas no Estado do Ceará.** FUNCEME. Disponível em: <<http://www.hidro.ce.gov.br/app/pagina/show/160>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017, às 22h48min.
- Censo de 2010.** UOL NOTÍCIAS. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao-urbana-e-rural/ce/>>. Acesso em: 13 de maio de 2017, às 12h18min.
- Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgoto – 2014.** MINISTÉRIO DAS CIDADES. SECRETARIA NACIONAL DE SANEAMENTO AMBIENTAL. 2016. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/Diagnostico_AE2014.pdf>. Acesso em 27 de março de 2017, às 13h45min.
- NETO, José Alves Carneiro. **Índice de sustentabilidade ambiental para os Perímetros Irrigados Ayres de Sousa e Araras Norte.** 2005. 120 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, Ceará, 2005.
- Perímetro Irrigado Araras Norte vive seu pior momento.** DIÁRIO DO NORDESTE. [07/10/2015]. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/perimetro-irrigado-araras-norte-vive-seu-pior-momento-1.1403858#email>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016 às 10h33min.
- Portal Hidrológico do Ceará.** COGERH/FUNCEME. Disponível em: <<http://www.hidro.ce.gov.br/#0>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2017, às 15h 27min.
- Racionamento atinge pelo menos 7 Perímetros Irrigados.** O POVO. [13/08/2014]. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/08/13/noticiasjornalcotidiano,3297203/racionamento-atinge-pelo-menos-7-perimetros-irrigados.shtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2014, às 17h38min.
- XIMENES, Antonia Vanessa Silva Freire Moraes. **Perímetro Irrigado Araras Norte e suas implicações sócio-territoriais.** 2015. 237 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Sobral, Ceará, 2015.